

OSWALD SPENGLER: O OCIDENTE AGÔNICO

João Francisco Regis de Morais

“Assim deves ser. Não podes fugir de ti mesmo.
Assim o vaticinaram sibilas e profetas.
Nenhuma força, nenhum tempo desfaz
A forma amoldada que evolui na vida”

(GOETHE — Palavras Órficas.)

INTRODUÇÃO

Os profetas sempre foram hostilizados. É que, ao contrário dos mágicos, não nos revelam surpresas agradáveis. Dizem o que tem de ser dito. Por esta razão, parecem-nos insensíveis, desalmados, e... sentimo-nos desejosos de matá-los.

Se já não estamos no tempo das vinganças incontroladas, dos apedrejamentos e apunhalamentos, matamo-los com a nossa mais terrível arma: o silêncio sistemático.

“Os sacerdotes se movem pelos corredores e salas dos palácios. Os profetas são aprisionados em calabouços” (1).

Vestimos, então, com alegres panos os nossos corações deveras enlutados e vamos deixando os videntes a falar sozinhos à beira do caminho. Com isto esperamos lograr que todas as mentes acrílicas que vierem depois de nós, pensem e digam: “Olhem lá ! o louco ! nem os doutores o ouviram !...”

(1) Rubem ALVES, *O Enigma da Religião*, Petrópolis, Vozes, 1975.

Entretanto, sabemos que o discurso do profeta era duro demais para nós.

Talvez não seja por outra razão que o atual mundo culto do ocidente foi cavando uma enorme cratera em torno de Oswald SPENGLER (1880 – 1936), até que, afastado do grande espaço humano, o filósofo profeta começou a assemelhar-se com aqueles truões da nossa infância, que andavam pelas ruas tartamudeando uma mensagem inútil.

Fora dos círculos acadêmicos – especificamente, dos Cursos de História e de Filosofia – Spengler não existe. Contudo, talvez tenha sido este o homem que reuniu maior erudição na primeira metade do século XX.

Para que pudesse empreender a caminhada da sua **Decadência do Ocidente** (obra fundamental do filósofo), foi-lhe necessária uma formação absolutamente universalista. Conheceu muito da matemática, da música, da física, das artes plásticas, da química, das religiões, do teatro, da astronomia, da geologia, da psicologia, da política, da História (incluindo táticas militares, economia etc.). Segundo afirma DURANT (2): “A erudição de Spengler vai dos sumérios aos americanos; dos obscuros psicologistas árabes às teorias atômicas de Planck e Bohr, da técnica da arquitetura às teorias de Marx; dos filósofos chineses mil anos anteriores a Confúcio, a Woodrow Wilson e Tammany Hall”. E sobre todos estes conhecimentos, Splenger lançava impetuosamente sua poderosa força interpretativa. Fazer História tem que significar: fazer Filosofia – era o seu inamovível ponto de vista. A História como mera compilação de dados, ou como um esquema fechado da busca de conexão entre “causas e efeitos”, ou é loucura ou é ciência natural disfarçada. Os fatos, no seu acontecer superficial e até mecanicista, sempre apontam para profundas realidades orgânicas: “Não se trata, pois, daquilo que são os fatos tangíveis da História em si, como fenômeno ocorrido em determinado tempo, mas do que significam, do que indicam por meio da sua aparência” (3).

Ainda que a espantosa erudição de Spengler prejudique a colocação clara das suas idéias, ele tem também, em seu benefício, o fato de que foi um autêntico artista da palavra. Raramente um livro de Filosofia assume qualidades estilísticas tão pronunciadas. Entendemos que o profeta foi também um grande poeta. Teremos oportunidade, ao longo deste estudo, de perceber a força estilística deste escritor.

Chegará momento em que teremos de apontar alguns equívocos e não poucas pretensões descabidas do filósofo em consideração.

(2) cf. **Os Grandes Pensadores**, Rio, Cia. Ed. Nacional, 1967.

(3) **Ibid.**.

Certo pensador já disse que nós, os chamados civilizados, agimos freqüentemente como o arqueiro: puxamos a flecha até bem perto do coração, para depois dispará-la mortalmente.

De nossa parte, será constrangido que chegaremos à crítica de Oswald Spengler, uma das maiores figuras filosóficas do mundo contemporâneo. Primeiramente, sentimos que criticar uma obra sem ter realizado obras próprias é por demais cômodo e, por isso mesmo, quase covardia. Depois, ainda que discordemos do núcleo sistemático de **A Decadência do Ocidente**, não podemos honestamente negar que expressiva parte das profecias de Spengler, ou já se fizeram realidade ou se estão, visivelmente, concretizando. Ainda mais, — o que nos põe em humilde posição — é percebermos claramente que aquele matemático e naturalista dominou muito mais seguramente o amplo panorama da Filosofia do que a maior parte dos muitos que tiveram formação especificamente filosófica.

PRINCIPAIS INFLUÊNCIAS SOFRIDAS POR SPENGLER

Um dos primeiros ensaios escritos por Spengler, foi sobre o pensamento de Heráclito. Desde então, a noção do “devir”, marcadamente heraclitiana, não mais se ausentou no processo de reflexão deste contemporâneo. Até mesmo sua concepção cíclica da História, pensamos poder afirmá-la inspirada na síntese de opostos da dialética de Heráclito, ainda que cíclica não fosse a concepção heraclitiana da realidade.

O próprio Oswald Spengler só aponta (ou confessa) duas influências sobre o seu pensamento: a de NIETZSCHE e a de GOETHE. De Nietzsche, a supervalorização da AÇÃO, a Vontade de Potência, a aceitação de sua análise da Decadência, e, sobretudo, a concepção preconceituosa de que, para haver criatividade histórica, é preciso que uma minoria de homens bem-formados (aristocratas) esteja em condição de dominação do “rebanho” de figuras amorfas e impossibilitadas de criar. Ainda de Nietzsche, por conseqüência, a abominação absoluta dos valores democráticos. De GOETHE, sua visão fenomenológica de naturalista. Exerceu grande impressão sobre o pensamento spengleriano, a seguinte afirmação de Goethe: “Não procuremos nada atrás dos fenômenos ! Eles mesmos são a teoria.”

Fausto, o drama goethiano, é um trabalho poético que, para Spengler, desvenda definitivamente as características psicológicas do homem

ocidental. Foi necessário que a profunda intuição do poeta nos explicasse a nós próprios. Portanto, a vida de Goethe e toda a sua produção artística e científica têm a mais cabal influência sobre as concepções do filósofo em foco neste ensaio.

Mas SCHOPENHAUER é o vulto embaçado, escondido no fundo da alma pessimista de Spengler. Este, sistematicamente critica aquele, agride-o em sua obra, semelhantemente à mulher muito feia que achou por bem quebrar o próprio espelho.

Finalmente, todo o aspecto trágico do estilo literário e das concepções filosóficas de Spengler, mostra-se marcado em seu âmago por SHAKESPEARE. "Na concepção do mundo do acaso como o mundo dos fatos reais, singulares, reside a unicidade grandiosa de Shakespeare, no qual ninguém procurou nem vislumbrou sequer o autêntico trágico do acaso" (4). Mas não é só a qualidade de "autêntico trágico do acaso" que, em Shakespeare, encanta o filósofo alemão. É, propriamente, a qualidade mais genérica de "autêntico trágico". Assim, ombreando Platão, Shakespeare, Goethe e Nietzsche como poetas, Spengler se abre de forma muito visível a todas estas influências.

O BRUSCO AMADURECER DE UMA FILOSOFIA

Por volta de 1911 já se haviam configurado, no espírito de Spengler, as idéias fundamentais sobre o real processo de decadência no qual entrara o Ocidente, como civilização. Ao que parece, 1912 marca o início dos seus trabalhos de redação; todavia, até então nem o próprio filósofo tinha idéia das extensões e profundidades a que seu trabalho o levaria. Ele não pretendia mais do que exprimir, sem muitas delongas, suas considerações a respeito de uma grande cultura que, após desenvolver todas as suas potencialidades, entrara num movimento de visível degeneração.

Quando os prenúncios da Guerra de 1914 ainda estavam quase invisíveis, o filósofo — com todo o seu vigor intuitivo e interpretativo — farejava o futuro como o mais eficiente rastreador. Ora, se em pensamento ele admitia que o desfecho de uma cultura é predeterminado, podemos arvorar-nos em falar dos "rastros do futuro", o que, aparentemente, tem o som de uma contradição.

(4) Oswald SPENGLER, *A Decadência do Ocidente*, Rio, Zahar Ed., 1973.

Eclode o conflito mundial. Sob o impacto desta eclosão, Spengler primeiramente se retrai, interrompe sua elaboração filosófica. Parece-lhe que o caos é tamanho que lhe faltará sossego mental para continuar sua obra. Contudo, tal interrupção não era vã ou prejudicial. Apenas a estupefação ante o efetivar-se das suas idéias, a consolidação do seu pessimismo histórico e a aceleração de tão fecunda eferescência de idéias. O próprio filósofo escreve seu depoimento: “(A Guerra Mundial) Não era uma momentânea conjunção de fatos casuais, filha do sentimentalismo nacionalista... ou de tendências econômicas... mas o tipo duma mudança de fase histórica a ocorrer dentro dum grande organismo histórico... no ponto preordenado centenas de anos atrás” (5); então, os acontecimentos bélicos passam a exercer terrível massagem intelectual no filósofo, que provoca o violento amadurecer de uma filosofia cujos frutos já haviam apontado.

A MENSAGEM

Não sentimos Spengler propriamente angustiado.

Suas antevisões não apresentam um caráter escatologicamente fulminante. Com serenidade quase irritante, ele vai traçando o caminho do fim, enquanto repete: “é irrevogável !”

“A poesia decadente das alamedas amareladas, das intermináveis ruas retas das nossas metrópoles, das fileiras de pilares nas nossas catedrais, dos cumes inalcançáveis de uma cordilheira — tudo isso mostra mais uma vez que a nossa experiência íntima da profundidade, experiência por meio da qual criamos para nós o espaço cósmico, é, em última análise, a certeza absoluta de um destino, de uma direção prefixada, do tempo, do IRREVOGÁVEL”. (6).

O filósofo voltava-se para o passado, transformando-o em mero recurso (ainda que absolutamente indispensável) para alcançar as possibilidades do futuro. Ora, é realmente interessante conseguirmos saber sobre as origens; mas — muito mais que interessante — é urgente e tentador conhecermos para onde vamos.

(5) W. DURANT, *Op. cit.*

(6) cf. *A Decadência do Ocidente.*

Na verdade, as idéias fundamentais de Spengler são bastante simples. Ocorre que, — como pudemos mencionar em passagem anterior — sua incrível erudição veste a simplicidade das concepções com cintilantes e confusos tecidos. O filósofo não parece responsável pelo atordoamento que, freqüentemente, domina o seu leitor. Ora, são tantos os dados interessantes, é uma torrente de interpretações tão plenas de virtuosismo que a nossa mente se vê solicitada em mil direções, tenta segui-las todas e... vê-se paralisada, impotente, atônita. Aqui, lembro-me da explicação de Rubem Alves:

“Viver é como dançar. Quando você dança, move o corpo segundo um ritmo e uma harmonia que preenchem o espaço. A complexidade da nossa situação humana reside no fato de que um grande número de ritmos e harmonias conflitantes estão sendo tocados ao mesmo tempo. Você não pode dançá-los todos; se tentar, ficará esquizofrênico e o seu corpo dividido por dinâmicas contraditórias.” (7)

Isto que Alves afirma quanto aos ritmos e harmonias conflitantes que nos solicitam, simultaneamente, no mundo contemporâneo, ao ponto de ameaçar-nos a integridade da personalidade, pode, cremos que com propriedade, ser transposto para o que experimentamos na leitura de **A Decadência do Ocidente**. Mil solicitações intelectuais e emocionais que, se não fizermos pés muito firmes, travar-nos-ão o entendimento da obra.

Repito, contudo: as concepções básicas de Spengler nada têm de complexo. Como todo pensador que dirige (ou erige) seu pensamento por “oposições”, tudo pode ser resumido na visualização do “arcabouço oposicional” de toda a sua filosofia. Vistas as coisas devidamente, o filósofo em apreço apresenta uma oposição fundamental:

a noção de CULTURA (como ascendência) contra
a noção de CIVILIZAÇÃO (como decadência).

Desta oposição fundamental, partirão muitas “oposições conseqüentes”. Não as chamaria de secundárias em razão de que, nesta vasta obra, temos a impressão de que todas as peças são indispensáveis.

(7) cf. **Tomorrow's Child**, New York, Harper & Row, 1972.

Algumas "oposições conseqüentes":

- a) História — Natureza;
- b) Alma (sentir) — Intelecto (racionalização);
- c) Evolução (o devir) — Evoluído (o que deveio já);
- d) Economia produtora (do campo) — Economia conquistadora (das cidades);
- e) Campo e cidade — Metrópole;
- f) Religiosidade — Irreligiosidade;
- g) Existência — Vigilância;
- h) Essencial à História — Causal na História;
- i) Acaso e Destino — Causalidade (conexões de causa-e-efeito);
- j) Alma apolínea (do grego e do romano) — Alma faustiana (do real representante da Civilização Ocidental — pós-gótica);
- l) Alma apolínea e alma faustiana — alma mágica (que Splenger vê na civilização árabe).

Uma vez enunciadas, tentemos compreender estas "oposições" spenglerianas. Como fazê-lo de maneira mais promissora? Não creio que o exame isolado de cada qual dos pares de opostos fosse interessante. Arriscamos, até, a opinião de que seria (além de enfadonho) inviável. De sorte que, vamos procurar mostrar a "arquitetura gótica" do pensamento spengleriano numa abordagem global de suas oposições que, exatamente, alicerçam as profecias desse grande "Jeremias" do nosso tempo — como o apelidou Will Durant.

Na arquitetura gótica, os arcobotantes todos, à medida em que se opõem, sustentam o centro e o vértice, ao mesmo tempo apontando numa direção. "Spengler é goticamente caótico", diz Durant.

Assim, o edifício spengleriano, **propõe** muito mais do que **impõe**; **sugere** muito mais do que **imprime**; **atrai** muito mais do que **escraviza**; **aponta** muito mais do que **defronta**. De início, temos a impressão de que este pensador firme desenvolverá sua obra com o ritmo e a fulminante segurança de um Aristóteles. Depois, ele reponta qual Platão, meio poeta, meio filósofico...oscilando despreocupadamente sobre o abismo das próprias idéias e inquietações.

Quando dizemos que, a princípio, Spengler toma uma postura aristotélica, fundamentamo-nos nas suas seguintes palavras:

“(Cabe ao século XX) revelar, por meio de um trabalho cuidadoso, a estrutura íntima das unidades orgânicas, pelas quais e nas quais se realiza a história universal” (8).

Também quando prosseguimos dizendo que, em seguida, deparamo-nos com um filósofo a balançar entre o pensamento e a intuição, entre o construído e o intuído, assentamos esta idéia em algumas considerações spenglerianas segundo as quais: de nada vale procurar-se a lógica do acaso, ou buscar-se as razões do destino — pois tais são tentativas quase alucinatórias. Após reivindicar **rigor, pesquisa cuidadosa**, e coisas assim, Spengler desfecha um balaço no peito da tradição lógica de “causa-e-efeito”:

“A causalidade pode ser definida como o destino petrificado nas formas do intelecto” (9).

Mas, seja qual for a postura real de Spengler, sua preocupação perante a História é radicalmente filosófica, enraizadamente ontológica. Ele próprio tira a seguinte conclusão:

“O declínio do Ocidente, à primeira vista um fenômeno local e temporalmente limitado, como o foi o correspondente declínio da Antiguidade Clássica, é, como se vê, um **problema filosófico**, que, compreendido em toda a sua gravidade, envolve todas as grandes questões do ser...” (10).

ESTRUTURA DA MENSAGEM

Oswald Spengler jamais apontou a origem da Civilização Ocidental, no que esta origem pudesse ter de mais nítido, na vivência e na cosmovisão dos gregos e romanos clássicos. Para ele, muito ao contrário, os componentes da Civilização Ocidental — quando observados de um ponto de vista filosófico — quase nada têm de ver com gregos e romanos.

É na Idade Média, por ocasião do gótico primitivo, que principiamos (os ocidentais) a florescer como CULTURA bem caracterizada. Com o desenvolvimento normal para as expressões do gótico evoluído, vamos

(8) cf. **Op. cit.**.

(9) Helmut WERNER, comentário sobre certa passagem de **A Decadência do Ocidente**.

(10) cf. **Op. cit.**.

caminhando para a realização material e espiritual das nossas potencialidades, até que, com a descoberta e a utilização do “perspectivismo” (principalmente na pintura e na arquitetura), atingimos a manifestação maior do que Spengler chamou: A ALMA FAUSTIANA.

“A ALMA APOLÍNEA”, explica o filósofo analisando a pintura, “não reconhecia como real senão aquilo que estivesse presente, imediatamente, no lugar e no tempo, e por isso excluía das suas imagens o fundo” (11). Esta era a maneira de Spengler conceber os gregos e os romanos: homens de hoje, alheios à consideração do passado, desinteressados dos planejamentos para o futuro — imediatistas por mundividência. No primeiro capítulo de *A Decadência do Ocidente*, o filósofo procura mostrar-nos que nem mesmo os “relógios de sol” ou qualquer instrumento destinado a marcar o tempo (dividindo-o, necessariamente, em “o que passou”, “o que se está passando” e “o que virá”) aparece como elemento do dia-a-dia de gregos e romanos. Mais tarde veremos que esta tese é rigorosamente contestada por COLLINGWOOD. Por enquanto, detenhamo-nos no próprio Spengler.

“A ALMA FAUSTIANA”, escreve, “superando quaisquer barreiras sensíveis, almeja o infinito, e por isso servia-se da PERSPECTIVA para transladar a regiões distantes o centro de gravidade das suas idéias plásticas” (12). Ora, no perspectivismo, os chamados “pontos de fuga” — que definem a profundidade, a paixão pelo inalcançável, — situam-se no Infinito. O desenhista os materializa apenas para obter o corte transversal que permite visualizar o seu motivo. Como se percebe, a expressão ALMA FAUSTIANA tem sua origem no drama *Fausto*, de Goethe. Ali, um sábio atormentado e insaciável em sua solidão, vende a própria alma ao Demônio (Mefistófeles) a fim de que, nem que através dos poderes malignos, conseguisse conhecer os mais extremos limites do encantamento universal. À medida em que o Dr. Fausto se aprofunda, quer o maior aprofundamento; e Mefistófeles — quando se procura o cerne da mensagem goethiana — é o próprio demônio do aprofundamento, ou seja, a desgraça que se encontra no princípio e no fim das desmedidas ambições metafísicas e também científicas. Contudo, para Spengler, interessa menos o significado de Mefistófeles do que o fascinante PATHOS CRIADOR que ebule constantemente no mistério interior do Dr. Fausto.

“A arquitetura gótica foi um dos mais complexos estilos de construção que já existiu” (13). Muitos consideram esta arquitetura simples

(11) cf. *Op. cit.*

(12) *ibid.*

(13) E. M. BURNS, *História da Civilização Ocidental*, Porto Alegre, Ed. Globo, vol. I, 1966.

projeção mental de um período teocêntrico e ascético. Isto é falso, porém. Muito falso. O gótico, em suas últimas conseqüências, é o momento em que a religião permite ao mundo ser belo e significativo, abrindo-se à importância desta vida. Nos coloridos vitrais das igrejas eram vistas cenas de homens trabalhando numa padaria, de jovens e crianças brincando, de lavradores arando a terra, — simbolismo vigoroso da abertura da religião para com a missão formidável da matéria. Também o forte apelo aos SENTIDOS (vitrais, esculturas naturalistas da vida vegetal, animal e mitológica) combinando com o anelo de ultrapassar os sentidos, em direção das realidades vitais mais altas. "... a arquitetura gótica era humanística, e em grau não pequeno", escreve BURNS (14). Isto se combina com a posição faustiana, pois, para esta, algo de maravilhoso havia no próprio fato de viver. Mas a vida não merecia ser reduzida a um "estar-aí" inexpressivo. A vida só poderia manter-se fascinante à medida em que encarnasse o próprio devir, o paladino das possibilidades. Não apenas olhar para as mãos cheias do maná celestial com fome e admiração, mas também lançar o olhar ao azul infinito na busca impossível das fontes do maná. De repente surpreendemo-nos de que não somente estamos sobre a terra, mas igualmente (e isto é mais terrível !) estamos sob um céu muito maior, mais misterioso, mais fascinante... e inalcançável.

Em seu estudo sobre as artes, mais especialmente quando focaliza as "tragédias", é que a intuição spengleriana delinea perfeitamente a diferença essencial entre as almas apolíneas e faustiana. Lê-se em "A Decadência do Ocidente":

"A tragédia faustiana é biográfica; a apolínea é anedótica. Isto significa que aquela abrange a direção de toda uma vida, ao passo que esta se restringe ao momento isolado. Que relação existe entre o passado interior de Édipo ou Orestes e o acontecimento destruidor que subitamente aparece em seu caminho ? Mas no passado de Otelo — obra-prima de análise psicológica — não há nenhum traço, por insignificante que seja, que não esteja relacionado à catástrofe. O ódio racial, o isolamento do adventício no meio patrícios, o mouro como soldado, como homem primitivo, como criatura solitária à beira da velhice — nenhum desses fatores carece de importância. "Psicologia" — eis o termo apropriado que define a maneira ocidental de plasmar personagens" (15).

Ainda em outra passagem de muita riqueza poética e interpretativa:

(14) Ibid.

(15) Oswald SPENGLER, *op. cit.*

“Shakespeare, que nasceu quando falecia Miguel Ângelo, e cessou de escrever quando Rembrandt vinha ao mundo, alcançou o máximo de infinidade, de apaixonada superação de toda e qualquer restrição estática. Seus bosques, seus mares, suas vielas, jardins, seus campos de batalha estão situados em regiões distantes, no ilimitado. O Rei Lear, transformado, entre o bobo e o mendigo louco, em meio à tormenta a fustigar a campina noturna; o eu perdido no espaço, na mais extrema solidão — eis o sentimento vital da alma faustiana” (16).

É, portanto, nesta enfeitada “alma faustiana” que desponta na Idade Média, ou, como o próprio Spengler preferia, nos albores do gótico, que o filósofo vê a origem da Civilização Ocidental (ainda em seu momento florescente de Cultura). Sim, porque para ele — e nisto Spengler reivindica pioneirismo — CULTURA e CIVILIZAÇÃO são dois segmentos orgânicos que se complementam no tempo. Toda CULTURA caminha inexoravelmente para a sua morte, que é a CIVILIZAÇÃO. Esta última significa mais que a morte: a “petrificação” da cultura que atingiu a plenitude das suas possibilidades. A CULTURA deve ser entendida como um “corpo vivo” que, movimentando-se para a criatividade, vai cumprindo sua auto-realização.

“Uma cultura nasce no momento em que uma grande alma despertar do seu estado primitivo e se surpreender do eterno infantilismo humano” (17). No movimento ascendente que descrevem, as culturas cumprem a sua PRIMAVERA e o seu VERÃO, isto significando que existencializam seu florescimento, crescimento (qualitativo) e seu apogeu. Na PRIMAVERA e no VERÃO, uma série de características se vão formando AO ACASO; quando, porém, termina o VERÃO e estas características já estão definidas, vêm o OUTONO e o INVERNO com todo o seu caráter predestinado pelo que foram as duas primeiras “estações”. Na PRIMAVERA e no VERÃO assiste-se ao primado do ACASO. Depois, tudo configura uma direção, um destino irrevogável para o povo em questão. E, assim, o ciclo se fecha: PRIMAVERA — VERÃO — OUTONO — INVERNO. “Alcançando o destino, realizada a idéia, a totalidade das múltiplas possibilidades intrínsecas, com a sua projeção para fora, fossiliza-se repentinamente a cultura. Definha-se. Seu sangue coagula. Seu vigor diminui. ELA SE TRANSFORMA EM CIVILIZAÇÃO”. (18). Desta maneira, fica, a Civilização, como MÚMIA que lembra um antigo corpo que viveu e se realizou. Sua primeira parte, o OUTONO, é um

(16) Id., *ibid.*

(17) id., *ibid.*

(18) id., *ibid.*

declínio que principia brando e se vai acentuando até que, no INVERNO, tudo seja decadência franca, visível e irrefreável.

Para Spengler, os sinais mais fortes da decadência podem ser relacionados assim:

- a) Surgimento de um intelecto pragmático, com absoluta aversão por qualquer esforço metafísico.
- b) A exaltação da robustez e da objetividade disciplinada, em lugar da sensibilidade e da arte.
- c) A repetição do “Pão e Circo”, sob o disfarce de dissídios trabalhistas, praças de esportes, parques etc... O “divertissement”, ou seja, uma agradável anestesia, para que não seja percebida a aproximação da morte.
- d) O primado do dinheiro sobre os ideais.
- e) A oposição entre o “homem culto” (cujas energias pessoais são dirigidas para o interior) e o “homem civilizado” (cujas energias pessoais são vertidas para a exterioridade).
- f) Uma ausência de “criatividade”, perfeitamente disfarçada em inovações esdrúxulas, excentricidade e vanguardas suspeitas.
- g) A irreligiosidade agressiva que provoca a desintegração das relações sociais e, depois, a desintegração interna dos indivíduos.

Assim como os organismos apresentam “infância, juventude, adulez e velhice”, o corpo vivo da cultura também se realiza nesses estágios.

Para Oswald, toda cultura é uma expressão anímica vibrante exibindo a sua evolução.

Mas, dentre as “Almas” descobertas por Spengler, não podemos omitir a ALMA MÁGICA, que se opõe à apolínea e à faustiana. A ALMA MÁGICA é encontrada pelo filósofo na cultura árabe, sobretudo em sua expressão artística. “A ALMA MÁGICA sentia todos os acontecimentos como a expressão de certas potências misteriosas, que impregnassem a caverna do Universo de sua substância espiritual, e por isso cerrava o cenário mediante um fundo dourado, empregando assim um recurso contrário a todas as cores existentes na Natureza. O ouro não pode, de fato, ser considerado cor. As cores são naturais, ao passo que o brilho metálico é sobrenatural e quase nunca se encontra

na Natureza” (19). Note-se que, aqui, Spengler está analisando mais propriamente a arte pictórica do mundo árabe que, na verdade, permanece “encantado” também na literatura e em outras expressões.

Ora, se a nossa cultura começa a afirmar-se no período do gótico primitivo, atinge seu clímax no Iluminismo — tomado este de forma não tão limitada quanto a maior parte dos historiadores o toma — e no mesmo “Século das Luzes” recebe sua sentença de morte. Para o filósofo que agora estamos estudando, a Revolução Francesa significou: “... a transição da Cultura para a Civilização, o triunfo da metrópole inorgânica sobre o campo orgânico, que, dali, por diante, torna-se PROVÍNCIA, na acepção espiritual da palavra — tudo isso era necessário e tinha de ocorrer precisamente naquele momento” (20). Com o movimento do século XVIII, que poderíamos apelidar de “a democratização da Razão”, o homem ocidental deixa de viver a vida para esforçar-se em racionalizar a vida. Para usar uma imagem de certo professor: o homem deixa de ser um dos alegres e barulhentos transeuntes da rua, para colocar-se em uma sacada, com a finalidade de observar de cima “o que é ser um transeunte”.

Ouçamos uma vez mais Spengler:

“Cultura e Civilização — eis o corpo vivo e a múmia de um ser provido de alma. Assim se distinguem as duas fases da existência ocidental, antes e depois de 1800. Antes, depara-se-nos a vida em toda a sua plenitude e evidência, vida cuja forma cresceu de dentro para fora, desde os primórdios do Gótico até Goethe e Napoleão. Depois é a vida tardia, artificial, desarraigada das nossas metrópoles, e cujo padrão é determinado pelo intelecto. Cultura e Civilização — isto é, um organismo gerado pela paisagem, em oposição a um mecanismo produzido pela fossilização” (21).

Poderíamos suportar palavras mais contundentes ?

É um discurso demasiado duro (e lógico). Não podemos suportá-lo.

Algumas famosas enciclopédias sequer registram o verbete: SPENGLER. Nem no O (de Oswald) nem no S do nome de família. Uma larga faixa da cultura contemporânea silencia propositadamente sobre o notável filósofo e estilista alemão. O silêncio é endereçado ao profeta e às suas impertinências de ficar lembrando o que estamos procurando esquecer.

(19) Oswald SPENGLER, *op. cit.*

(20) cf. *op. cit.*

(21) cf. *op. cit.*

Aliás, não será essa mesma razão que fez do Livro do Apocalipse a parte menos lida, a mais marginalizada da Bíblia Sagrada ?

Como referi antes, Spengler confessa honrosamente que o seu pensamento tenha sido influenciado pelo de Nietzsche. Contudo, há momentos de interessante discordância entre ambos. Por exemplo, a idéia nietzschiana de que os "frouxos" princípios cristãos houvessem afrouxado a moral ocidental, não interessa a Spengler. Mesmo este discorda de Nietzsche, quando o último ataca a "moral da compaixão" que o cristianismo semeou no Ocidente, enfraquecendo sua agressividade vital. Oswald afirma (para tanto citando um bom número de exemplos históricos) que o cristianismo, em vez de modificar a alma faustiana, foi por ela modificado. Para o filósofo da história, Cristo não impunha, pois "falar como quem tem autoridade" é traço de grandes personalidades não necessariamente impositivas; não moralizava, como pode ser verificado em diversas passagens bíblicas em que defendeu decaídos da fúria moralista do seu tempo; ao contrário do que, talvez, Judas Iscariotes pensasse, Cristo não pensava em expansão: concedia, apenas, a sua sabedoria. Mas certos grupos "cristãos" ocidentais inventaram a cristianização, a expansão da ética do Cristo, não como Cristo a ensinou, mas como eles a modificaram — adaptando-a aos ímpetus possessivos da cultura ocidental.

Parece-nos que, neste momento, há certo forcejar interpretativo na análise spengleriana; a não ser que, para citar um exemplo, Paulo Tarso fosse um faustiano ultraprematuro, a argumentação spengleriana vê-se um tanto ameaçada, pois o Apóstolo Paulo, desde os primeiros tempos cristãos já se tornara o "Campeão da Evangelização Cristã". Segundo as possibilidades de transportes e comunicação daquele tempo, Paulo viajou muitíssimo (para pregar a Boa Nova) e deixou-nos um copioso e belo legado em termos de espistolografia cristã. Influência ocidental grega ? ou influência expansionista dos romanos militaristas ? Qualquer delas que fosse, ainda continuaria periclitando o argumento de Spengler, de vez que, como já foi explicado, a origem da civilização faustiana — segundo o autor em exame — não está no mundo antigo, mas no medieval, mais exatamente no período do gótico primitivo.

A este propósito, surge-nos, então, a maneira pela qual Spengler abordou a questão da religiosidade.

Primeiramente, admitamos, com o filósofo, que: toda cultura é uma expressão anímica vibrante, isto é, toda cultura é uma ALMA que exhibe seu próprio processo evolutivo. É o movimento da evolução, e não a visão arrematada do evoluído. O evoluído é a própria civilização que, despojada de alma, mostra apenas um INTELECTO que é rigoroso, objetivo, audacioso, mas... estéril.

“Toda alma tem religião (...) Todas as formas vivas nas quais a alma se manifesta, todas as artes, as doutrinas, os costumes, todos os mundos de formas metafísicas e matemáticas, cada ornamento, cada coluna, cada verso, cada idéia, são, no seu âmago, religiosos e têm de sê-lo. A certo momento, porém, já não pode ser assim. A essência de toda cultura é religião; por conseguinte, a essência de toda a civilização é a irreligião” (22).

A partir deste pensamento de Oswald Spengler, concluímos que a alma de um povo só permanece viva enquanto é capaz de adoração e fé. Isto porque adoração e fé não são racionalizações, mas o próprio ato de assumir a vida com fecundo sentimento do sagrado. Ocorre-nos, neste ponto, até mesmo a célebre afirmação de TERTULIANO: “Credo quia absurdum”. Quando este sentir devocional da vida e do mundo se transforma em curiosa e intelectual manipulação da natureza, ou em projeção de estruturas da razão sobre o mundo dos fenômenos — isto significa que só resta a múmia da cultura, só a sofisticação gelada do ato de “analisar” a vida.

Notemos que, com sua abertura cultural, Spengler não diz que a solução de todos os impasses é o cristianismo. Seja o budismo, os cultos fetichistas, o taoísmo — não interessa. Apenas que a natural atitude incentivadora das vidas comunitárias e sua maior força integrativa é a religião. E mais uma vez ele estava bastante bem acompanhado pelos caminhos das suas idéias; o sociólogo Émile Durkheim, o psicólogo e psicanalista C. G. Jung apresentaram opiniões semelhantes, inferidas de uma vivência científica que mostrou tal abertura ao ponto de colocar ambos, como dois marcos do pensamento humano investigatório.

Spengler fala, oposicionalmente, de “uma economia produtora do campo” e de “uma economia conquistadora da cidade”. Ora, é evidente que aí há também implicações religiosas. Vamos procurar esclarecer. O lavrador, é, via de regra, místico. Seu trabalho depende de tantas coisas que não dependem dele, há tal indeterminação no futuro das suas colheitas que, oprimido pelas preocupações vitais, volta-se para Deus, Aquele que tudo pode — inclusive

ajudá-lo a não perder todo um plantio e ver-se em apuros materiais com sua família. Sente-se de tal sorte impotente ante as chuvas excessivas, ou as secas, ou as geadas ou o ataque sorrateiro de microrganismos por ele desconhecidos, que se agarra ao Criador de todas as coisas. Certas culturas primitivas agrícolas têm já seus rituais apropriados para o tempo do plantio (quando fazem mimo ao deus da fertilidade ou compõem cantigas sacras à Mãe-Terra), para o tempo da colheita (quando alguns sacrifícios e muita euforia procuram dar, numa linguagem da psicologia behaviorista, um “reforço” para o bom comportamento do deus que tão generosamente os aquinhoou).

Assim, o lavrador precisa dos seus braços e da terra. Braços e terra precisam de Deus. No meio rural normalmente se encontra uma religiosidade pura e simplória, mas muitíssimo mais enérgica do que a religiosidade elaboradamente intelectual do ambiente citadino. Para Spengler, não há propriamente uma religiosidade citadina — a não ser em cidades pequeninas, onde ainda vibra um bom tanto da alma rural.

O homem da cidade, do ponto de vista pragmático, não precisa de deuses ou de Deus. Precisa, isto sim, do que o lavrador produz. Enquanto o campônio contempla o céu à espera da bondade divina, o cidadão espreita os resultados da eficiência dos lavoureiros. Será muito bom que não pensemos, todavia, o homem rural como um arrematado ingênuo em seu misticismo. Ele também está, de algum jeito, comerciando com o céu. Spengler, na força do seu estilo, considera: “O caminho que conduz da sagacidade aldeã, passando pelo espírito citadino, até a inteligência metropolitana, pode ser definido também como a contínua diminuição do sentimento do destino e o incoercível incremento da carência de causalidade. A inteligência substitui a **experiência inconsciente da vida** por uma prática magistral do pensamento, quer dizer, por algo que é árido e descarnado” (23).

É assim que se passa da “economia produtora do campo” à “economia conquistadora da cidade”. “... o genuíno habitante da cidade não é produtor, no sentido primordial, telúrico, da palavra. Falta-lhe a vinculação íntima ao solo como ao bem que lhe passar pelas mãos. Desse modo, o bem transforma-se em mercadoria, a troca em movimento comercial, e em lugar do pensamento baseado em bens aparece o pensamento baseado em dinheiro” (24). Ora, onde está o dinheiro, está a “conquista”.

(23) cf. *op. cit.*.

(24) *id.*, *ibid.*

Da mesma forma se passa da “existência” (o viver a vida, tomado em plenitude) à “vigilância” (o tomar conta dos fatos, dos bens e do dinheiro). Sucumbirei, neste ponto, à tentação de transcrever um trecho do prosador/poeta Henry David THOREAU:

“... Eu gostaria muito mais de estar sentado sobre uma abóbora, e af ficar sozinho, do que sobre uma almofada de veludo, cercado por muitas pessoas. Gostaria mais de viajar num carro de bois do que subir ao céu num trem de luxo... A simplicidade em si e as privações do homem primitivo tinham pelo menos a vantagem de fazer dele um hóspede de passagem pela natureza. Depois que tivesse restaurado suas forças, descansado, ele recomeçava a viagem. Acampava em qualquer parte deste mundo, seguindo os contornos dos vales, atravessando as planícies e escalando as montanhas. Mas vejam só ! Os homens se transformaram em instrumentos dos seus instrumentos. O homem que colhia livremente os frutos quando tinha fome, tornou-se fazendeiro. E aquele que se abrigava sob uma árvore, hoteleiro. (...) Construímos para este mundo um castelo familiar, e para o outro, um jazigo de família. (...) Antes de poder decorar nossas casas é preciso despojar nossas paredes, nossas vidas, e construir sobre as ruínas um belo interior e um bom viver: o gosto atual pelo belo é cultivado nas aparências... (25).

O DESFECHO DAS PROFECIAS

Quando Oswald Spengler iniciou seu gigantesco trabalho, estava voltado para o passado, mas interessado no futuro. Assim, estudando a morfologia histórica, buscou nas culturas aquilo que apresentavam como “essencial”, para separar este primeiro achado dos eventos “causais” encontrados na História.

Feitas as suas detidas e trabalhosas investigações, Spengler exibiu ao chamado “mundo civilizado” seu fundo pessimismo, que, de resto, baseia-se numa visão fatalista e cíclica da História. “A aldeia ainda não possui um

(25) Citado em *Revista Planeta*, nº 24 – A, agosto, 1974, Ed. Três, SP.

caráter de plenitude, e a metrópole já o perdeu" (26). Segundo este filósofo, o conteúdo das culturas é por demais anímico e profundo, por demais próprio, para ser compreendido por estrangeiros. Mas, o conteúdo das civilizações é superficial, intelectível, transplantável, e pode ser compreendido. Só que as civilizações nada apresentam que valha a pena compreender. Compreender uma civilização é como apreender um cálculo inútil, já de si desprezível. Ouçamos a voz do filósofo: " (Já) Na era dos imperadores romanos, os homens começavam a entender-se em toda parte, mas precisamente por essa razão já não existia nada nas cidades "antigas" que valesse a pena compreender" (27). Enquanto as culturas são fenômenos telúricos, enraizados, as civilizações são universalizáveis: "Onde quer que se vá, sempre se reencontra Berlim, Londres e Nova Iorque, e quando viajava um romano, deparavam-se-lhe em Palmira, Treves, Timgard, e nas cidades helenistas, até ao Indo e ao Mar de Aral, as suas próprias colunatas, os seus templos e as suas praças adornadas de estátuas. Mas o que ali se divulgava já não era nenhum estilo genuíno, mas um gosto; nenhum costume autêntico, mas maneiras; nenhum traje pelular de um povo, mas uma moda" (28).

Afrontando todas as correntes progressistas, Spengler está convencido de que a eclosão da 1ª Guerra Mundial constituiu-se no sinal mais evidente de que, como civilização, penetrámos o "inverno terrível da decadência". Temos, do final do século XIX e do princípio do XX, depoimentos de homens de ciência e letras, que se apresentam coloridos de um ingênuo otimismo quanto, não a um futuro remoto, mas aos próximos trinta ou quarenta anos. É célebre a carta escrita pelo escritor Mark Twain e endereçada ao poeta Walt Whitman, na qual Twain pede ao seu septuagenário amigo que espere "mais trinta anos" para ver o ser humano habitando a terra sob as bênçãos do entendimento e da alegria, na plenitude de uma auto-realização proporcionada pela prática real da racionalidade, aperfeiçoada esta e desenvolvida pelos poderes da ciência e da técnica. "Quem sabe, — talvez pensassem quase todos — o bruto homem das cavernas foi de todo sepultado e eis que começa a alvorada do ser humano como animal realmente superior?" No seu canto, Spengler não se iludia. Entendia que a política e o comércio sempre principiaram com **conquistas brutas** (lutas, guerras) e "evoluíram" para **acordos diplomáticos**, outro tipo de violência elegante, mascarada e sagaz. Afinal, nos acordos diplomáticos, normalmente os mais necessitados e pobres são os que têm de ceder mais. Não lhes resta o direito a muitas reivindicações. Ora, sem dúvida, a corrupção de qualquer

(26) Oswald SPENGLER, *op. cit.*.

(27) *Ibid.*

(28) *Id.*, *ibid.*

cultura corre por conta do irrefreável processo civilizatório. Em certo momento, explica Oswald, a burguesia de algibeiras cheias mete uma mordaca aos homens aristocratas e bem educados; as grandes cidades, com suas fábricas e poluições, “sugam todo o plasma vital do campo e reduzem-no à esterilidade urbana” (29). As casas perdem a forma de casas, perdem sua beleza arquitetônica, assemelhando-se a angares ou galpões — isto em nome de uma arquitetura **funcionalmente** moderna. Ocorre que as pessoas, escravizadas pela lufa-lufa do mundo industrial, apenas visitam suas residências para comer e dormir — quando o fazem. À medida em que a Técnica predomina sobre a Arte, a qualidade cede o lugar à quantidade. Beleza? ora, não falemos de coisas do passado. Atentemos agora para a utilidade. Nem mesmo a beleza de caráter poderá sobreviver. “O caráter — escreve Spengler — é a forma de uma existência em movimento, que consegue a fusão entre a mais extensa variabilidade nos casos particulares e a maior constância em questões de princípios” (30). Na verdade, constância em questões de princípio nunca pôde caracterizar um mundo mandado pelos endinheirados. Então, em vez de o homem automodelar-se, deverá amoldar-se às contingências ambientais, senão totalmente, em larga medida. Verdade, será o funcional. É melhor entendê-la desta forma moderna, pois se a tomarmos com o sentido que teve nos áureos florescimentos da **cultura** ocidental (por conseguinte, antes da **civilização**), teremos de assumir as lutas propostas por Voltaire em sua afirmação de que nenhuma verdade houve que não fosse perseguida desde o começo. A Arte se degradará em constantes esquisitices, modas culturalmente infundadas, exibicionismos que trazem a bizarrice das manifestações exaustas dos que já deram o que tinha para dar. “(...) A extinção da força espiritual criadora; a decadência da família e da Igreja como fontes de tradição e preparo moral; a esterilidade dos inteligentes e a multiplicação do “povo” — isto é, de copiosas massas metropolitanas que flutuam tão impotentes como os “follaheen” (31). Spengler explica que “follaheen” é o nome daqueles miseráveis compônios que arrastam, no campo, seus arados, e nas cidades, sua ignorância e falta de higiene... como atestado do que restou da monumental civilização egípcia.

Retornará e acentuar-se-á o uso de entorpecentes e estimulantes, que vêm sendo usados durante milênios, mas nem sempre de maneira crítica. Se os gregos os empregavam em suas festas, os homens futuros vão usá-los por não terem o que festejar.

(29) W. DURANT, *op. cit.*

(30) *cf. op. cit.*

(31) Will DURANT, *op. cit.*

No florescer da “cultura” ocidental, a vida era vivida e construída com tal verdade e emoção que um “sentimento do ilimitado” apossou-se da alma faustiana. Viver e fazer viver era sentido como algo possível ao infinito e aperfeiçoável também ao infinito.

Mas a Primavera e o Verão vieram e foram. Iniciaram-se as grandes decepções do declínio, hoje acentuadas por franca decadência — para imprimir à **decadência** um significado mais forte e drástico do que ora imprimimos ao **declínio**. A alma faustiana, em seu desespero por “profundidade”, quer mesmo é o infinito. Nenhum substituto lhe interessa. Notamos aqui, como já o fizeram Will Durant, que duas características se confrontam nitidamente: a do homem faustiano (característica do movimento) com a do grego (tendência natural ao repouso). E, ainda mais: à **aspiração** faustiana, opõe-se o fundo senso de **realidade** do grego. O espírito faustiano está em toda parte, inquieto, alado. Dr. Fausto é uma figura realmente “espiritual”. O homem grego fazia-se presente, e fincara no agora o absolutismo do seu corpo.

No Outono de suas decepções, o homem ocidental amou-se. Agora, em pleno rigor do Inverno, angustia-se. Quem sabe não será a angústia, uma nostalgia do ilimitado ?

É com tais pensamentos que Oswald Spengler delineou o futuro da Civilização Ocidental, se o compreendemos devidamente. Saídas não existem. Como ficou dito quase de início, o processo tem caráter de irrevogabilidade. Infância, juventude, maturidade, velhice. E quando muitos questionaram ao filósofo, dizendo que freqüentemente ele não “precisou” bem seus termos, que não definiu o que entendia por “alma”, por exemplo (alma apolínea etc.), talvez ávidos por uma “definição operacional”, já naqueles tempos, Spengler se manteve fiel ao conselho de Goethe no sentido de não buscar nada além do fenômeno. “Não vemos o que não for mundo exterior, mas sentimos a sua presença, em nós tanto como nos outros. (...) Assim se produz a imagem reflexiva de um CONTRAMUNDO”(32).

E o filósofo arremata, lançando sobre a face vacilante do futuro, a mais pesada das profecias, considerando que, depois de Rousseau, percebeu-se que já não havia esperanças para o estilo de vida do homem faustiano e de algo que se havia acabado no esgotamento de uma civilização, só restava o **TORMENTOSO AFÃ DO DINAMISMO**. Era preciso não parar, inventar mentiras que parecessem o sentido da vida e das ações. Agora, quando a

(32) Oswald SPENGLER, **op. cit.**.

Civilização Ocidental perseguir novos valores (políticos, artísticos, religiosos, filosóficos), fá-lo-á sem conseguir calar no seu íntimo a sensação profunda de que sua busca infatigável não a levará a nada de sério. Aí, então, é que ela, desesperada pelo vazio, não poderá e nem quererá repousar.

Oswald Spengler não vê nenhum “fim” urgente. De um ponto de vista imediatista, para que desesperar ? Uma cultura petrificada em civilização pode ainda estender seus galhos secos e desnudos aos céus por séculos, não lhe cabendo outra coisa senão, lamentavelmente, fazer sombra sobre florescentes culturas que precisam do sol, atrapalhando-as e ameaçando-as de sufocamento.

Duro discurso, repetimos, muito duro !

Sobre ele, no entanto, incidem críticas bastante importantes — sobretudo para os que ainda desejam crer em melhores tempos. Mostremos algumas delas. Umas, foram feitas diretamente ao pensamento de Spengler. Outras, dirigiram-se contra qualquer pretensão de profecias em “assuntos humanos”.

“JEREMIAS” EM JULGAMENTO

Ao que parece, o mais agressivo crítico que Oswald Spengler teve foi R. G. COLLINGWOOD. Em sua obra *A Idéia de História* o filósofo inglês diz ser o livro *A Decadência do Ocidente* uma construção intelectual “radicalmente insensata” (33). Para Collingwood, o erudito alemão, anunciando buscar uma *estrutura metafísica da humanidade histórica*, acabou reduzindo as culturas a expressões morfológicas que lembram só a *estrutura natural e, por assim dizer, automática das colméias*. O imaginoso Spengler termina por oferecer uma visão de “história” despojada de qualquer enriquecimento imaginativo. “Esta concepção anti-histórica e meramente naturalista da história afeta mesmo a concepção de Spengler acerca da pormenorização interna de cada cultura, considerada em si mesma. Isto porque a sucessão de fases numa cultura, tal como ele a concebe, não é mais histórica do que a sucessão das várias fases da vida dum inseto, tais como: ovo, larva, ninfa e inseto adulto” (34).

Ora, naquilo que depreendemos da leitura do primeiro capítulo de *A Decadência do Ocidente*, Spengler entende que a observação do momentaneamente real, impressão mecânica do mundo, acompanhamento

(33) Lisboa, Livr. Martins Fontes, 1972.

(34) R. G. COLLINGWOOD, *op. cit.*

pragmático do fluir dos fatos, não é História, mas um ramo disfarçado das ciências naturais. Logicamente, dotado de muita imaginação e poder interpretativo, Oswald não se restringe às compilações factuais. Mas, exatamente sob o "imperialismo" do pensamento científico de GOETHE (o qual elaborou um método morfológico para as suas pesquisas em Ciências Naturais), viu-se bloqueado em sua criatividade — ou seja: sucumbiu à comum tentação de copiar, para os assuntos humanos, a soberba e famosa metodologia das ciências da natureza. Desse modo, com sua "morfologia histórica" carregada de caráter fatalístico, Spengler fez da história exatamente "um ramo muito bem disfarçado das ciências naturais".

Se admitimos a cultura, — pensa Collingwood — em última análise, como sendo "o homem e suas obras", Spengler não enxerga essas obras como esforço espiritual e elaboração muitas vezes consciente do homem; tais obras pertencem à humanidade "exatamente pela mesma maneira que o pigmento escuro da pele pertence aos negros e os olhos azuis pertencem aos escandinavos" (35). Collingwood, autor normalmente comedido e ponderado em suas afirmações, como que perde o autocontrole e acusa o filósofo alemão de "deturpador e falsificador de fatos históricos". Como? Como pode Oswald Spengler concluir que os gregos e os romanos, por formarem culturas a-históricas e em nada se importarem com o passado e o futuro, não se preocuparam em construir grandes túmulos, como o fizeram os egípcios para os seus faraós? Certamente, continua Collingwood, que para forcejar a entrada dos fatos para dentro das formas interpretativas pré-fabricadas do filósofo/profeta, este procurou ignorar os concertos semanais que, em Roma, ocorrem no Mausoléu de Augusto; desconheceria Spengler, em toda a sua formidável erudição, que o túmulo de Adriano foi por largo tempo habitação de Papas? É quase impossível tal desconhecimento, assim como a "ignorância" de que as estradas romanas, ao longo de milhas e milhas, estão cheias de marcos (túmulos construídos na Antiguidade) que formam enorme coleção de lembranças pretéritas. "Toda a base da teoria (de Spengler) é assim fundamentada numa tentativa deliberada e laboriosa de excluir da história tudo o que a torna história, substituindo em todos os pontos a concepção histórica pela correspondente concepção naturalista relativa aos princípios" (36).

Por essas e muitas outras razões, Collingwood considera "radicalmente insensata" a obra de Oswald Spengler.

(35) Id., *ibid.*

(36) R. G. COLLINGWOOD, *op. cit.*

DURANT faz-lhe, também, críticas diretas. Estas se voltam sobretudo sobre o pensamento aristocrático e segregacionista do pensador em análise. Todavia, dentre aqueles que se levantaram para criticar especificamente o pensamento spengleriano, Will Durant, ao que nos parece, é o comentariasta que assume mais justas posições. O controverso e freqüentemente desprezado divulgador da Filosofia, que, desde muito cedo, aprendemos a respeitar como um intelectual que cumpriu aquilo a que se propôs ("divulgar" com os dons de quem sabe atrair"), mostra primeiro todas as qualidades indiscutíveis do intelectual magnífico que foi Oswald Spengler. Apelida-o mesmo de "O Everest da erudição ocidental"; deslumbra-se ante o monumento intelectual erigido pelo alemão e, ao mesmo tempo, lamenta os monumentais equívocos aos quais este foi levado pela sua própria metodologia.

Neste momento, estamos lembrando de uma sentença espirituosa: "Todo pensador começa como viajante e termina como mala". Já não recordamos em que cronista de jornal a lemos. Se este dito é verdadeiro, talvez seja esta a razão pela qual Durant chega a mostrar-se constrangido ao investir contra uma série de concepções e comparações spenglerianas. O divulgador não esquece de ver ali o "homem limitado", que podia falhar como todos os homens falham.

O texto de Arnold TOYNBEE **O Desafio de Nosso Tempo** não critica objetivamente o trabalho de Spengler. Há, no entanto, ali, muito sérias objeções às presunções proféticas de modo geral, e às interpretações fatalistas e fechadas da História. Entende este historiador que "Experiência" provavelmente não possibilita profetizar. Pode-se alcançar êxito em vários setores (agrícola, astronômico, técnico etc.) planejando o futuro a partir das experiências vividas. Mas, "Evidentemente, esses sucessos, quer completos ou apenas parciais, são possíveis porque, em todos esses setores, a natureza é mais ou menos uniforme em sua estrutura e regular em seu funcionamento" (37). E o notável mestre da História coroa tais considerações com um pensamento que traduziríamos da seguinte forma: que no grande baralho das causas-e-efeitos, está presente o intolerável curinga do indeterminismo, produzindo surpresas históricas à nossa revelia. Daí a razão pela qual, Toynbee, que teve sua brilhante carreira vivamente estimulada pela leitura de **A Decadência do Ocidente**, não possa concordar com **previsões** do futuro em base ao passado, mas apenas aceita que o estudo do passado possibilite **consideráveis conjecturas** a respeito do que virá.

(37) Arnold TOYNBEE, **O Desafio de Nosso Tempo**, Rio, Zahar Ed., 1968.

Pessoalmente, o que mais nos choca em Spengler é a negação das “heranças civilizatórias”, de vez que ele considera as culturas fechadas em si mesmas e isoladas como Leibnitz concebeu suas mônadas. O parentesco civilizatório parece-nos uma evidência.

Se Oswald nega que nossa civilização ocidental seja essencialmente aparentada com a grega ou a romana, isto nos deixa realmente estupefato; ora, qualquer estudante de História da Filosofia, de História da Ciência, de História da Literatura e sobretudo de História Geral, adquire certeza de que nossos fundamentos civilizatórios, como protofenômenos, estão na Antiguidade Clássica. Isto é algo que se observa e sente.

Concordamos também com Robert MERTON em que todos os fatos e realizações humanas trazem uma “função manifesta” (conscientemente elaborada) e uma “função latente” (que é inconsciente). Ora, em se considerando esta conclusão do sociólogo, ainda que conheçamos muito bem o momento presente naquilo que tem de manifesto e tocante, quem nos elucida sobre os “resultados” que se escondem no que há de latente em nosso momento histórico ? Na verdade, o **empirismo** spengleriano — como, de resto, todos os empirismos — dificulta as profecias, em vez de facilitá-las. Como já ficou comum perguntar-se: “se algo ocorre 200 vezes da maneira x, o que me pode garantir que na duocentésima primeira vez não ocorrerá de um modo y ? ”

A primeira coisa que Spengler frisa, no início de sua obra, é a oposição entre HISTÓRIA (tempo: nós **somos** o tempo) e NATUREZA (espaço, extensão não humanamente elaborados). Todavia, passa, o filósofo, posteriormente, a pensar a Cultura como **produto orgânico** sujeito às leis da **Natureza**. Isto soa como bruta contradição.

Às vezes temos ímpeto de pensar que Oswald Spengler fosse um “amante da morte” (como de resto mostrou seu comportamento nazi-fascista posterior), disfarçado em fogoso Dionísio.

MAS O FATO...

Mas o fato é que o pensador centralizado neste singelo estudo, dedicou-se a perscrutar nossos tempos vindouros. Podemos acreditar que o tenha feito com muita seriedade. Viu, em nosso futuro, todos os sinais do fim... E suas profecias, gostemos ou não, estão (ao menos por enquanto) se cumprindo.